Actividade Formativa 2

Relatório de avaliação

Sublinhemos, em primeiro lugar, o mérito daqueles que, e foram muito poucos, se empenharam na realização da actividade proposta. Tendo em consideração que as actividades formativas não consubstanciam uma avaliação de carácter formal, devemos frisar a importância de que se revestem para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem promovido pelo modelo pedagógico da UAb, e na medida em que estas actividades constituem um indicador, quer para o professor quer para os estudantes, do estádio de conhecimento, individual e colectivo, dos conteúdos em discussão.

Face ao atrás exposto, há alguns reparos que exigem realizar-se para que a actividade em análise surta os efeitos esperados. Constatou-se que continuam a persistir algumas falhas de âmbito formal nos trabalhos. Ainda assim, pensamos que o facto do relatório do e-fólio A ter sido emitido após o período de realização da última actividade formativa poderá ser, em parte, responsável pela manutenção de muitas das incorrecções.

Da leitura dos trabalhos verificou-se a existência de um denominador comum e que se prende com a leitura exclusiva do manual como a fonte bibliográfica para a sua elaboração. Recorda-se a necessidade do confronto de perspectivas sobre os assuntos de modo a conduzir uma reflexão mais sólida e autónoma. O que se apurou, contudo, foi que quando os estudantes transpuseram a sua pesquisa para além do livro, a preferência recaiu invariavelmente sobre a consulta e utilização de material disponível em sítios pouco fidedignos da internet. Ora este expediente, que à primeira vista parece ser de grande utilidade, pode revelar-se, e revela-se muitas vezes, contraproducente, na medida em que frequentemente a informação aí vertida não pode ser verificada, comprometendo a validade dos escritos.

A realização da presente prova constitui um momento para cada um se exercitar ao nível da escrita, como uma forma de preparação para a avaliação dita formal. Nos trabalhos recebidos registou-se que nem sempre foi dada a devida atenção a este aspecto. Constatou-se que alguns escritos manifestaram pouco empenho ou, quem sabe, alguma dificuldade em redigir uma estrutura textual articulada, resultando num acumulado de afirmações à guisa de resumos, ou num discurso intricado e inacessível. Ainda no domínio da redacção, um outro aspecto que merece referência é o da necessidade de contextualização das afirmações proferidas. Não cabe a quem lê retirar ilações daquilo que o autor pretende dizer, deve haver um esforço por parte de quem redige para ser o mais preciso possível, de modo a não suscitar dúvidas à leitura. A título de exemplo leia-se a frase: *A maior parte dos camponeses eram iletrados por isso as artes eram o principal meio para comunicarem as suas ideias*. A ideia expressa é inconclusiva, ou está errada. Serviria a arte como veículo de comunicação entre camponeses? Para obviar esta situação, ou para eliminar este género de inexactidões, assim como eventuais faltas ou incorrecções ao nível da ortografia, pontuação e sintaxe, deve ser feita uma leitura final ao trabalho em voz alta.

Sublinhe-se que muitos trabalhos ainda não apresentam as referências bibliográficas e webgráficas da forma mais correcta. Mais uma vez se aconselha a consulta, no Tópico 0 da nossa UC, das Normas de Referenciação Bibliográfica e Webgráfica. Recorda-se também a necessidade de referenciar toda e qualquer bibliografia usada na elaboração de um texto. A referenciação terá de ser feita em duas ocasiões: no corpo do texto, na forma de citação, (Gonçalves, 2010: 106 entre parênteses ou em nota de rodapé) e na bibliografia final.

Feitas as observações aos aspectos formais, debrucemo-nos agora sobre o teor dos trabalhos apresentados. Constatou-se que nesta actividade a prestação dos estudantes se dividiu. Se um grupo decifrou a questão em enunciado, compreendendo o problema, já outro revelou grandes dificuldades no seu entendimento, designadamente quanto à delimitação do âmbito do trabalho, enveredando por contextualizações circunstanciadas do período da Idade Média, contando-se alguns escritos que se detiveram em detalhadas explicações de carácter histórico-artístico que não cabem no âmbito das temáticas desenvolvidas por esta UC, ou circunscrevendo os escritos ao resumo das ideias expressas no manual. Naturalmente que tal não só não pedido, como não bastava para responder ao repto do enunciado.

Para tentar responder à pergunta colocada, *o que era, durante a Idade Média, um artista,* teria sido crucial reflectir em torno de questões tais como:

* se, na Idade Média, a noção de artista, tal como a de arte, correspondiam às significações que actualmente temos do termo;
* o que se entende ser um artista durante este período (o artista é o indivíduo que conhece, e que lida, com as *Artes Liberais*);
* estabelecer a existência, ou não, de relações entre artista e artesão, bem como entre a arte, ou o ofício que praticavam;
* integrar o artista no sistema das artes medieval;
* indagar sobre a continuidade ou ruptura do caso com as ideias do período precedente…

Helena Pereira